



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

VIVIANE VIEIRA DE OLIVEIRA

A MULHER NEGRA DE GENI GUIMARÃES: *leitura de A cor da ternura*

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2023

VIVIANE VIEIRA DE OLIVEIRA

A MULHER NEGRA DE GENI GUIMARÃES: *leitura de A cor da ternura*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48m Oliveira, Viviane Vieira de.
A mulher negra de Geni Guimarães: leitura de "A cor da ternura". [manuscrito] / Viviane Vieira de Oliveira. - 2023.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. A Cor da ternura. 2. Gênero. 3. Negro. 4. Sociedade. I.

Título

21. ed. CDD 305.4

A MULHER NEGRA DE GENI GUIMARÃES: leitura de A cor da ternura

VIVIANE VIEIRA DE OLIVEIRA

APROVADO EM: 30 de novembro de 2023.

Vaneide Lima Silva

Profª. Drª. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Ana Paula Lima Carneiro

Profª. Drª. Ana Paula Lima Carneiro
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV

Amanda Roque de Andrade

Profª Esp. Amanda Roque de Andrade
Examinadora Externa – Rede Municipal de Brejo do Cruz

Dedico ao meu pai Valdenildo Pires de Oliveira (*In Memoriam*). Por ser um exemplo de homem digno e de caráter, por ter me ensinado a ser uma pessoa justa e de caráter. Tenho certeza de que onde estiver está feliz pela minha conquista.

“Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel [...] eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita (Anzaldúa).

RESUMO

A reflexão sobre as questões raciais e de gênero vem cada vez mais ocupando espaço na sociedade, evidenciando as transformações históricas que atualmente vivenciamos. Tais transformações repercutem, inclusive, na literatura que se produz no país, sendo possível o reconhecimento, nos últimos anos, de uma produção que vem tematizando e discutindo a condição de marginalidade e discriminação que ainda enfrenta o negro na sociedade. Nessa perspectiva identificamos a obra de Geni Guimarães, mas especificamente o livro *A cor da ternura* (1997)¹. Nesse livro, de caráter biográfico, a autora retrata a vida da personagem Geni, uma menina negra e pobre que sonha em finalizar os estudos e ser professora, objetivando, assim, transformar o rumo de sua vida e de sua família. A experiência de Geni nos comoveu e despertou o interesse em analisar a narrativa neste Trabalho de Conclusão de Curso, que objetiva analisar a obra procurando perceber de que maneira o preconceito racial e de gênero se configura nos dias atuais através da narrativa dessa autora que não produziu uma obra vasta, mas apresenta muita qualidade artística nesse livro. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo de caráter bibliográfico que parte de estudos que discutem a representação do negro na literatura, apoiando-se, assim, em trabalhos como Proença Filho (2004), Duarte (2013) e Cuti (2010), bem como em estudos que versam sobre a literatura infanto juvenil, a exemplo de Coelho (1991), Cunha (2003), Lajolo e Zilberman (1999), dentre outros. A análise aponta, a partir da experiência de sua protagonista, que o preconceito de cor ainda é uma realidade em nossa sociedade e que precisamos ampliar o debate em torno do preconceito racial sobretudo no ambiente escolar, abrangendo, dessa forma, o horizonte de expectativas dos estudantes em formação, repercutindo, assim, a produção de autoras negras brasileiras.

Palavras-chaves: *A Cor da ternura*; Gênero; Negro; Sociedade.

ABSTRACT

The reflection on racial and gender issues is increasingly taking up space in society, highlighting the historical transformations we are currently experiencing. These transformations resonate even in the literature produced in the country, with recent years witnessing a production that addresses and discusses the marginalized and discriminated conditions that Black individuals still face in society. In this perspective, we identify Geni Guimarães' work, specifically the book 'The Color of Tenderness' (1997), which was recently accessed in the Language Arts Course at the State University of Paraíba/Campus IV/Department of Language and Humanities through the Children's and Young Adult Literature component. In this biographical book, the author portrays the life of the character Geni, a black and poor girl who dreams of completing her studies and becoming a teacher, aiming to transform her own life and that of her family. Geni's experience moved and sparked an interest in analyzing the narrative in this Thesis, which aims to examine the work, seeking to understand how racial and gender prejudice is configured in contemporary times through the narrative of this author, who might not have produced an extensive body of work but demonstrates significant artistic quality in this book. Methodologically, it is a bibliographic study drawing on research discussing the representation of Black individuals in literature, supported by works such as Proença Filho (2004), Duarte (2013), and Cuti (2010), as well as studies on children's and young adult literature, for instance, Coelho (1991), Cunha (2003), Lajolo, and Zilberman (1999), among others. The analysis, based on the experiences of its protagonist, points out that color prejudice is still a reality in our society, emphasizing the need to broaden the discussion around racial prejudice, especially in the educational environment. This broader discourse would encompass the horizon of expectations of students in formation, thereby amplifying the impact of the productions of Brazilian Black female authors.

Key-words: The color of tenderness; Gender; Black; Society.

SUMÁRIO

9

1 **CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA NARRATIVA PARA CRIANÇAS**12

1.1 O contexto histórico do negro no Brasil e na literatura14

1.2 Especificidades da narrativa para crianças16

2 **GENI GUIMARÃES E A LITERATURA INFANTO JUVENIL BRASILEIRA**18

2.1 A obra de Geni Guimarães: alguns estudos fundamentais20

3 **A MULHER NEGRA DE GENI GUIMARÃES: *leitura de A cor da ternura***22

4 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**26

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre as questões raciais e de gênero vem cada vez mais ocupando espaço na sociedade, refletindo as transformações históricas que atualmente vivenciamos. Tais transformações repercutem, inclusive, na literatura que se produz no país, sendo possível o reconhecimento, nos últimos anos, de uma produção que vem tematizando e discutindo a condição de marginalidade e discriminação que o negro enfrenta na sociedade. Nessa perspectiva, podemos indicar a obra de Geni Guimarães, mais especificamente o livro *A cor da ternura* (1997), cujo acesso se deu recentemente, no Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba/Campus IV/Departamento de Letras e Humanidades, através do componente Literatura Infanto Juvenil.

No livro *A cor da ternura* (1997), de caráter biográfico, a autora retrata a vida da personagem Geni, uma menina negra e pobre que sonha em finalizar os estudos e ser professora objetivando, assim, transformar o rumo de sua vida e de sua família. A experiência de Geni nos comoveu e despertou o interesse em abordar a obra neste Trabalho de Conclusão de Curso, que objetiva analisar a obra procurando perceber de que maneira o preconceito racial e de gênero se configura na narrativa, centrando nossa análise no comportamento e descrição da personagem que protagoniza a história. O enredo mostra que a protagonista passa por um processo de reconhecimento, vivenciado desde a infância até sua fase adulta: sendo apresentada como uma vítima de preconceito racial que somente na vida adulta, após se tornar professora, consegue entender que é através da sua profissão que ela poderá ajudar outras crianças a enfrentar o processo de aceitação de uma maneira diferente e menos violenta.

O trabalho se justifica sobretudo porque identificamos que os contos de fadas tradicionais apresentam em seus enredos princesas protagonistas que se caracterizam como mulheres brancas, de olhos claros, quase sempre azuis e cabelos loiros, evidenciando, assim, a necessidade de se apresentar ao público infantil uma referência de protagonista negra. A partir dessa necessidade, consideramos que Geni Guimarães inaugura nos anos oitenta (80) do século XX um marco no que se refere a narrativa para crianças e jovens, seguindo a esteira de autoras renomadas como Ana Maria Machado no que diz respeito a publicação de obras que colocam em destaque a voz de meninas emancipadas e protagonizadoras de sua história.

A presença de obras literárias de viés afro-brasileira contribui significativamente para a formação das crianças, que têm, através da leitura, a chance de se identificarem com personagens e protagonistas negras. Nessa perspectiva, a escola estará cumprindo o seu papel de formar leitores críticos e desmistificando essa cultura de personagens

predominantemente brancos, além de oportunizar à criança negra a chance de ser representada em histórias de desafios e superação que contribuam para o seu processo de aceitação e reconhecimento.

Diante o ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo de caráter bibliográfico que parte de estudos que discutem a representação do negro na literatura, apoiando-se, assim, em estudos de Proença Filho (2004), Oliveira (2009), Duarte (2013) e Cuti (2010), bem como em estudos que versam sobre a literatura infanto-juvenil, a exemplo de Coelho (1991), Cunha (2003), Lajolo e Zilberman (1999), dentre outros. Acerca da pesquisa bibliográfica, vale destacar que esta privilegia a leitura de fichamentos de textos teóricos sobre o seu tema. Por isso a leitura de autores que discutem a representação do negro na literatura se fez importante, já que a obra em análise aborda questões como a identidade negra e cultural, além de questões de gênero e deus desdobramentos. Segundo Minayo (2000), a pesquisa qualitativa atua nas ciências sociais com um plano de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a uma mera operacionalização de simples variáveis.

Quanto a sua organização, o trabalho encontra-se assim estruturado: o primeiro tópico apresenta algumas considerações em torno da narrativa voltada para crianças e jovens, visando situar o leitor acerca das especificidades do gênero narrativo direcionado a esse público, além de destacar a importância da leitura de narrativa para a formação de leitores.

O segundo tópico situa historicamente Literatura Infanto-Juvenil no Brasil, destacando, num segundo momento, a importância da obra de Geni Guimarães para a discussão da representação do negro na literatura infantil e juvenil, bem como apontar alguns estudos relevantes já realizados em torno da obra da autora como forma de levantar a sua fortuna crítica e demonstrar nosso interesse em estudos que se debruçaram sobre a obra de Geni.

O terceiro tópico se destina ao estudo analítico da narrativa *A cor da ternura* (1997), cuja leitura procura observar de que maneira o preconceito racial e de gênero se configura na narrativa, centrando nossa análise no comportamento e descrição da personagem que protagoniza a história.

O artigo busca contribuir dentre outros aspectos, para destacar a importância da leitura da obra de Geni Guimarães para a formação de jovens leitores, bem como aprofundar, no âmbito acadêmico, os estudos em torno da literatura de autoras negras,

sobretudo as voltadas para crianças e jovens. A leitura de obras como a narrativa de Geni Guimarães proporciona a ampliação do debate acerca do negro na literatura e na sociedade.

1 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA NARRATIVA PARA CRIANÇAS

Este tópico objetiva, num primeiro momento, retomar algumas considerações em torno do conceito de narrativa, destacando algumas de suas principais características. Num segundo momento, procuramos apontar alguns elementos da narrativa voltada para o público infante juvenil, sem deixar de destacar a importância da leitura desse gênero narrativo para a formação de crianças e jovens.

A capacidade de narrar fatos e acontecimentos é característica imanente dos seres humanos. Muito antes do surgimento da escrita, a história da humanidade passou de geração para geração através das narrativas. O advento da escrita proporcionou uma melhor estruturação do ato de narrar, apresentar sequências de acontecimentos e transmiti-los aos outros. (Pellegrini, 2003).

De acordo com o autor acima mencionado, a narrativa faz parte do cotidiano social, definida como o ato de contar acontecimentos, que se faz presente em inúmeras situações comunicacionais, nas conversas orais, nos textos escritos, no plano estético, misturando suportes verbais e imagens, a exemplo das mídias produzidas e divulgadas nas redes sociais, na forma jornalística televisiva de apresentar um fato. Como exemplo de textos narrativos temos: conto, crônica, novela, romance, relatos, fábula, lenda, entre outros.

De acordo com Cardoso (2001), as narrativas literárias são textos ficcionais que criam ou recriam fatos numa sequência de ações visando construir uma história, estruturadas em certas práticas artísticas que proporcionarão interpretação dos leitores de acordo com sua experiência com o texto e com sua época:

As narrativas literárias não têm o compromisso de refletir a realidade. Elas criam uma “realidade” através da organização dos fatos dentro do enredo, por meio de estratégias narrativas que garantem a coerência interna da obra e de acordo com as tendências literárias de cada época, chegando, muitas vezes, a provocar uma profunda renovação estética. Segundo a teoria da representação, toda a narrativa ficcional é composta de enunciados que representam os fatos ou conteúdos narrados de acordo com estratégias discursivas que mantêm ou não uma relação de contiguidade com a realidade e com os modos de outros discursos narrarem essa realidade (Cardoso, 2001, p. 29).

As narrativas se estruturam sobre cinco elementos essenciais: o enredo, o foco narrativo, personagens, tempo e espaço. Sem os fatos não há como contar uma história, fazendo-se necessário atentar para quem vivencia os acontecimentos. É de fundamental importância a presença de um narrador interligando narrativa e leitor e, por fim, o tempo e o espaço são fundamentais para a compreensão.

O enredo caracteriza-se como um conjunto de acontecimentos que apresenta uma sequência de fatos, dos quais participam os personagens, podendo ser ainda nomeado por ação, trama, intriga:

uma estória sobre um acontecimento, descrevendo-o, baseado em narrativas que podem conter apenas um núcleo (conjunto universo), ou núcleos diversos (subconjuntos do conjunto universo) que evoluem ou não dentro da narrativa. (Cardoso, 2001, p. 43)

Ainda com base nesse autor, vimos que cada núcleo diverso se conecta ao principal mostrando dessa forma uma evolução geral da história ao mesmo tempo que demonstra as questões individuais de cada subgrupo. O enredo estrutura-se em três partes principais: introdução, desenvolvimento e conclusão, em outras palavras, início, meio e fim da estória narrada. Segundo Gancho (2004, p. 10):

[...] a organização das partes de um enredo, bem como dos acontecimentos que o compõem, é determinada pelo conflito, o componente da estória gerador da tensão que faz o enredo evoluir e prende a atenção do apreciador à matéria narrada. “Seja entre dois personagens, seja entre o personagem e o ambiente, o conflito possibilita ao leitor-ouvinte criar expectativas frente aos fatos do enredo” (Gancho, 2004, p.10).

De acordo com Goulart (1994), o foco narrativo corresponde a voz literária, designando o ponto de vista do narrador, dessa forma, define o tipo de narrador de uma história. O narrador pode ser personagem, observador ou onisciente. É válido citar que o foco narrativo define o tipo de narrador do texto.

Quando o foco narrativo se apresenta na primeira pessoa caracteriza-se como narrador personagem, porque este conta sua e história e também participa dela, enquanto que o narrador observador narra acontecimentos sem participar destes, apenas conta o que vê. Por fim, o narrador onisciente demonstra um conhecimento amplo, conhece fatos do passado e do futuro, pensamentos e desejos dos personagens (Goulart, 1994).

De acordo com Brait (2000, p. 03), “a personagem continua sendo vista como ser antropomórfico cuja medida de avaliação ainda é o ser humano”. A autora descreve como tipos de personagens, protagonista (personagem principal, sua experiência é o foco da narrativa), coprotagonista (personagem importante e que possui forte ligação com protagonista), antagonista (contrapõe-se ao protagonista, pode representar um empecilho, dificuldade ou empecilho), coadjuvante (auxilia no desenvolvimento da história), figurante (possui papel ilustrativo dentro do contexto), falso protagonista (apresentado ao leitor com a intenção de induzi-lo a pensar que este é o personagem principal e ao longo da trama revela o verdadeiro protagonista).

O espaço pode ser definido como o lugar onde as narrativas acontecem. É considerado um dos elementos estruturantes da narrativa, podendo ser espaço físico ou

psicológico, sendo que o primeiro diz respeito às informações físicas e geográficas, enquanto que o espaço psicológico refere-se o fluxo dos pensamentos e sentimentos (Moisés, 2017).

O tempo na narrativa é apresentado de forma cronológica, tempo físico, medida convencional de tempo ou tempo psicológico, conceito associado a subjetividade, percepção, passado, futuro e presente não necessariamente lineares (Friedman, 2002). Feita essa rápida retomada dos elementos que estruturam a narrativa, veremos a seguir alguns elementos considerados indispensáveis na narrativa voltada para crianças.

1.1 O contexto histórico do negro no Brasil e na literatura

De acordo com a filósofa, escritora e ativista Sueli Carneiro (2011), os negros viviam em comunidades totalmente organizadas, vivenciavam uma hierarquia monárquica, tinham sua cultura, modelo de agricultura, incluindo crenças e religiões próprias. Mesmo sendo povos de diversos clãs familiares, socialmente, todos os grupos, representavam os mesmos níveis de desenvolvimento organizacional.

À essa época, o Brasil passava pelo advento da colonização e a dificuldade em adquirir mão-de-obra fez surgir o modelo escravagista já em voga em algumas colônias europeias. Havia um comércio crescente de negros africanos que eram capturados, transportados e vendidos como mercadorias em solo brasileiro, estes, trabalhavam para uma minoria branca, num país habitado inicialmente por indígenas (povos originários) e portugueses, franceses e holandeses (Carneiro, 2011).

A escravidão funcionou como uma prática nefasta e desumana, por inferiorizar uma raça objetificando o negro a instrumento de posse, compra e venda.

Em terras brasileiras, os negros que aqui se tornaram escravos vinham em sua maioria da África e eram trazidos contra a própria vontade para a América para servirem aos senhores. Sem falar que, além de trabalharem feito animais brutos, eram diariamente humilhados e violentados pelos senhores aos quais pertenciam. Para eles, seu único papel era servir, ou seja, obedecer às ordens dos senhores, atuar na mão-de-obra (Andrade, 2019, p. 19).

No contexto histórico da escravidão é válido ressaltar que nem todos os negros aceitavam viver sob maus tratos e violências diversas, parte deles revoltava-se e fugia organizando diversos movimentos que lutavam pela abolição da escravatura e uma para proporcionar vida digna aos africanos. À exemplo temos a Conjuração Baiana, a Revolta dos Malês, a Revolta da Chibata, entre outras lutas e revoltas. Nesse período houve também a formação de muitos quilombos para onde os negros fugiam para viver em

liberdade e poder lutar pelo seu povo, o mais conhecido é o Quilombo dos Palmares (Carneiro, 2011).

A história de lutas do povo negro resultou na abolição da escravidão, no entanto, a condição social do negro brasileiro é marcada pelo racismo estrutural caracterizado pelo preconceito racial, violência e desigualdade. A luta desde a chegada dos negros ao Brasil continua sendo evidenciada pelos afrodescendentes e está busca a desconstrução de padrões colonialistas que incutiram ideologicamente a desigualdade étnica.

Tomando como panorâmica o negro na literatura brasileira é preciso relatar que mesmo diante de um cenário de valorização da cultura negra, esta não foi facilmente reconhecida, as marcas desse silenciamento cultural reflete na forma como as obras literárias abordam o povo negro.

Desde o período colonial até a época oitocentista, os negros foram praticamente excluídos do cenário literário, e se não foram, tiveram uma representação breve, desagradável e depreciativa, reproduzindo na literatura a influência do contexto social da época (França, 1998).

A partir do século XIX, a temática negra ganhou nova conotação influenciada pelo ideal antiescravista. Já no século XX, o negro passa a figurar na literatura de modo a valorizar suas vivências, raça e cultura (Andrade, 2019).

Na esteira das discussões sobre literatura negra, na contemporaneidade, temos uma literatura que identifica os traços que inferiorizaram os negros e, dessa forma, podemos dizer que já observamos nos livros um acolhimento da raça negra, os quais atuam como protagonistas e são retratados numa perspectiva mais positiva, com a valorização de seus traços e sua cultura. Já identificamos no campo da literatura infantil publicações que seguem esse novo panorama.

1.2 Especificidades da narrativa para crianças

De acordo com Meireles (2016) a literatura infantil surgiu na Europa, ainda no século XVII, quando naquela época, em razão das transformações sociais, a criança passou a ser vista como era de fato, abandonando o conceito de mini adulto.

Em meados do século XIX, o Brasil inicia um panorama de leituras infantis, diferente das realidades dos séculos anteriores. Com a implantação da Imprensa Régia houve uma expansão de obras literárias voltadas para o público infantil, obras pedagógicas e adaptações de obras portuguesas e europeias. Neste século, a literatura para crianças tinha um caráter moralizante, visando prepará-las para se encaixarem nos moldes da sociedade, objetivando preparar desde a infância o sujeito social, a exemplo disso, as fábulas de Esopo, La Fontaine e as obras de Charles Perrault- *Histórias da Carochinha*, conforme afirma Meireles (2016):

Esse é, pois, o primeiro caso de Literatura Infantil: a redação escrita das tradições orais, - o que hoje é a disciplina do Folclore. Pode ser a redação direta, sem acréscimo, reduções ou ornamentos, - é o caso da coleção de contos dos irmãos Grimm, ou sofrendo influências artística do autor- como no caso de Perrault, de Mme. d'Aulnoy, das fábulas e contos de La Fontaine. O segundo caso de Literatura Infantil é o dos livros que, escritos para uma determinada criança, passaram depois para o uso geral, como aconteceu com as Fábulas de La Fontaine, as aventuras de Telêmaco, de Fénelon, e outros mais. O terceiro caso é o dos livros não escritos para crianças, mas que vieram cair nas suas mãos, e dos quais se fizeram depois adaptações, reduções visando torná-los mais compreensíveis ou adequados ao pequeno público. (Meireles, 2016, p. 52)

Tendo como parâmetro a realidade brasileira, muitas crianças iniciam seu contato com a Literatura Infantil ao chegarem no ambiente escolar, não apenas através dos livros, mas também por meio da contação de histórias orais. A experiência da história oral ajuda a criança a desenvolver as primeiras habilidades de leitores, estimulando o desenho, a música, a criatividade, motivação do querer permanecer ou do querer sair, do pensar do escrever, do querer ouvir (auxiliando na concentração nos anos iniciais).

Sobre a narrativa voltada para crianças, vale a pena lembrar o que afirma Cunha (2003, p. 47): “a literatura infantil são os livros que tem a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia a identificação e o interesse da criança”. Uma investigação, nesse sentido, requer olhar a literatura para crianças e jovens como fenômeno literário, e desse modo, em sua complexidade e totalidade, em sua intrínseca e inseparável relação com a cultura, a história e a evolução social (Cunha, 2003).

Segundo Cademartori (2010, p. 199): “a literatura infantil é um gênero literário definido pelo público a que se destina”. Certos textos são considerados pelos adultos como

sendo próprios a leitura pela criança e é, a partir desse juízo, que recebem a definição de gênero e passam a ocupar determinado lugar entre os demais livros.

É importante frisar que além de desenvolver o imaginário, a Literatura Infantil auxilia na formação do senso crítico, fornecendo uma postura e construção de uma própria visão de mundo. E ao trazer a literatura como aparato da diversidade, esta torna-se ferramenta capaz de desenvolver em novos conhecimentos e como isso a criança começa a formar seus próprios conceitos sobre os diferentes temas (Aguilar, 2014).

A narrativa direcionada para crianças deve ser cativante, repleta de eventos emocionantes e situações surpreendentes para manter o interesse da criança, que é naturalmente inquieta e tem dificuldade em se concentrar por muito tempo. Dessa forma, deve conter algumas especificidades que atendam às necessidades deste público, em outras palavras, o autor tem mais chances de conquistar o público infantil construindo histórias curtas, em um diálogo que condiz com as características das personagens e da situação, conferindo a narrativa um alto grau de realismo, tornando-a atraente aos leitores (Cunha, 2003).

Quanto às falas e pensamentos das personagens, o discurso direto é a melhor abordagem. O diálogo desempenha um papel importante, pois mantém a história viva, torna os eventos presentes e envolve o leitor de forma eficaz. Ao citar as personagens nas narrativas infantis é importante atentar para o número, as posições e sequência de aparecimento baseando-se no tempo cronológico para que não possuam uma grande complexidade facilitando o entendimento por parte do leitor (Cunha, 2003).

Outra especificidade da narrativa infantil é que deve culminar em um desfecho feliz, isso porque nessa fase, as crianças tendem a viver a história, se identificam com personagens e um final triste as afetaria desnecessariamente. Não é imposição que o final deva ser sempre feliz, evite desenvolver amargura nas mentes infantis (Cunha, 2003).

2 GENI GUIMARÃES E A LITERATURA INFANTO JUVENIL BRASILEIRA

O propósito deste segundo tópico é situar historicamente Literatura Infanto-Juvenil no Brasil, destacando, num segundo momento, a importância da obra de Geni Guimarães para a formação de crianças e jovens leitores. Com base em trabalhos críticos já realizados em torno da obra da autora, apontar alguns estudos relevantes que subsidiaram a leitura de sua obra, indicando, assim, sua fortuna crítica.

Conforme já enunciamos no início do tópico anterior, vimos que o surgimento de uma literatura para crianças e jovens se dá na segunda metade do século XVII, na França. Segundo Coelho (2010), os primeiros livros da literatura infantil foram: *As Fábulas*, de La Fontaine (1668 e 1691), *Os Contos da Mãe Gansa*, de Charles Perrault (1691 e 1697), *os Contos de Fadas*, de Mme. D' Aulnoy (1696 a 1699), *Telêmaco*, de Fénelon (1699 a 1717), *Contos de fadas para crianças e adultos*, dos Irmãos Jacob e William Grimm (1812 a 1822) e *Os Contos de Andersen*, de Hans Cristian Andersen (1835 a 1872).

É importante mencionar, ainda com base em Coelho (2010), que estes textos eram escritos inicialmente para adultos e só com o passar do tempo nas várias mudanças na reescrita de cada texto passou a atender as aspirações do público infantil, sendo a partir do século XVIII que houve uma maior preocupação com os livros destinados ao público infantil. A autora afirma ainda que desde o começo a literatura infantil/juvenil permaneceu unida a intenções educativas. A estreita conexão dessa literatura com o ambiente escolar, em todos os países do Ocidente, confirma um caráter autoritário, moralista e pedagógico, por isso durante muito tempo essas obras eram conhecidas como literatura escolar.

Seguindo ainda a linha do pensamento de Coelho (2010), Zilberman e Lajolo (2002) declaram que o gênero dirigido à infância está no bojo dos processos que vêm marcando a sociedade contemporânea desde os sinais da implantação desta, permitindo-lhe indicar a modernidade do meio onde se expande. Tem características peculiares da perspectiva religiosa e moralizante até a produção industrial, a começar pelo fato de todo livro é, de certa maneira, o modelo em miniatura da produção em série, na qual com a industrialização e a introdução de novos recursos tecnológicos a literatura infantil passa a ser vista como uma mercadoria, crescendo os gêneros literários.

Para que fosse possível ter acesso a essa literatura, era necessário que a criança soubesse ler e, para isso, era preciso passar pela escola. Criando-se, assim, um elo entre literatura infantil e escola, a criança começa a fazer parte da sociedade de consumo e a escola acompanha, promove e estimula esse consumo, visando a um mercado específico, cujas características precisa respeitar e mesmo motivar sob pena de congestionar suas possibilidades de circulação de consumo.

Ocorre que hoje a Literatura Infantil ocupa os bancos da escola e se coloca a serviço da formação do leitor do texto literário, funcionando como um suporte indispensável no processo educativo. Importa lembrar que há uma variedade de autores em todos os gêneros cuja obra pode favorecer significativamente a formação dos leitores em desenvolvimento, restando ao professor o conhecimento das obras e pensar formas atrativas de abordagem que possibilite a interação texto leitor.

No que se refere a Literatura infantil em que o negro aparece representado, Oliveira (2009, p.158) afirma que está “tem uma tarefa fundamental a cumprir, nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no ‘diálogo’ leitor/texto estipulado pela Escola”. Partindo dessa afirmação, podemos dizer que a escola tem papel decisivo quando se trata da necessidade de formar leitores, sobretudo o leitor do texto literário, encontrando na narrativa de Geni Guimarães uma oportunidade de abordar e debater questões raciais em sala de aula.

Vale destacar, ainda com base na afirmação de Oliveira (2009), que a literatura infanto-juvenil, sendo encarada como elemento de transformação social, acaba se tornando um sinônimo de ruptura, transformação e libertação, no que se refere a necessidade de uma mudança que quebre os estereótipos negativos em volta do personagem negro, buscando seguir por um viés de representação positiva, sem rebaixá-los por meio de personagens subalternos e com uma linguagem depredatória, contribuindo para uma construção de imagem positiva e afetuosa, valorizando sua herança socioculturais, se tomarmos como exemplo a narrativa de Geni.

No livro *A cor da ternura*, nos deparamos com uma escrita cheia de afeto, conforme aponta o título da narrativa. A força e a capacidade de superação da protagonista nos instigam e cativa, dada a leveza poética com que a autora descreve situações de violência e preconceito racial. A narrativa poética de Geni Guimarães prende a atenção e tende a envolver o leitor pouco interessado pela leitura de obras literárias. Vejamos a seguir alguns estudos já realizados em torno da obra dessa autora que demonstram o valor e a importância de seu texto no contexto da crítica literária brasileira.

2.1 A obra de Geni Guimarães: alguns estudos fundamentais

As obras de Geni Guimarães destacam-se por representar uma inovação no cenário literário. Diante de um contexto de escassez de livros literários com personagens negros, rompe com os estereótipos que inferiorizam e diferencia-se principalmente por apresentar a valorização de personagens negros e o resgate dos seus legados culturais. Uma escrita que transforma vivência em histórias “escrevivências” (Oliveira, 2003).

Para uma melhor compreensão do caráter transformador das publicações de Geni Guimarães, é pertinente ressaltar o cenário de produções literárias e a forma como estas retratavam personagens negros. Dessa forma, é crucial compreendermos que a literatura infanto juvenil seguia padrões europeizados, reforçando no leitor uma postura discriminatória, pois os personagens negros são representados nestas obras de forma estereotipada e depreciativa (imagem relacionada a sujeira, pobreza e feiura). Segundo Oliveira (2003, p. 09), “uma literatura que corrobora para os fios do racismo à brasileira, contribuindo para a dissimulação e a disseminação do preconceito”.

Diante desse contexto, na desconstrução dessa ideologia literária, a professora Geni Guimarães expõe forte crítica social e ao racismo, disserta sobre a valorização da mulher negra construindo em seus enredos discussões sobre raça, gênero e papéis sociais a partir do lugar de fala de mulher negra brasileira. O panorama de desconstrução a autora inova ao mostrar personagens negros como protagonistas das histórias, dissertando sobre a herança cultural negra muitas vezes silenciada e omitida na maioria das obras. (Anjos, 2021).

Reconhecida como um dos maiores nomes da literatura negro-brasileira e uma das principais vozes pioneiras do movimento progressista de escritoras negras que hoje se firmam em nossas letras, Geni Guimarães é autora de dez livros, entre poesia, contos e obras voltadas para o público infantojuvenil. Recebeu o Prêmio **Jabuti** pela narrativa *A cor da ternura*, em 1990, quando muito menos se ouvia falar de temas como negritude, racismo e feminismo no Brasil.

Como forma de reconhecimento, Geni Guimarães foi homenageada pela escola de samba Rosas de Ouro em 1990, com o tema: “De piloto de fogão à chefe da nação”. Os temas de suas obras foram cantados no samba enredo que falava do alerta contra injustiças, preconceito, violência, sofrimento e racismo numa militância que valoriza a liberdade, ancestralidade, cultura e diversidade (Silva, 2003).

O livro *A Cor da Ternura* (1997), é uma obra que transita de forma dinâmica e participativa por pelo menos três áreas da nossa literatura. Primeiro, na literatura infanto-

juvenil, pois expressa não apenas a visão de mundo das crianças e adolescentes em seu processo de crescimento e desenvolvimento psicológico e social, mas também incorpora aspectos estéticos comuns às narrativas direcionadas a jovens leitores. Em segundo lugar, na literatura afro-brasileira, aborda a temática recorrente da presença negra na sociedade brasileira, com personagens negros e uma perspectiva enraizada na afrodescendência. Desse modo, na literatura feminina, tanto a autora quanto a protagonista trazem à narrativa temas relacionados à questão de gênero, expressando ao longo da trama uma voz feminina que influencia a narrativa e oferece uma visão feminina de uma sociedade de tradição patriarcal.

A autora também recebeu o prêmio **Adolf Azen** no ano de 1990, por reconhecimento a produção do livro *A cor da ternura*. Foi homenageada ainda nos anos de 2020 e 2021 pelo Projeto “Balada Literária” que envolve música, literatura e artes. Sua literatura é espelho e fortalece quem a encontra. (Silva, 2003).

3. A MULHER NEGRA DE GENI GUIMARÃES: *leitura de A cor da ternura*

Esse terceiro momento da pesquisa é dedicado ao estudo analítico da narrativa *A cor da ternura*, procurando observar de que maneira o preconceito racial e de gênero se configura nos dias atuais através da narrativa, centrando nossa análise no comportamento e descrição da personagem que protagoniza a história. Para tanto, bem como no foco narrativo, além de outros elementos estruturais da narrativa que se fizerem importantes para a construção do perfil da sua principal personagem.

A cor da ternura, de Geni Guimarães, publicado inicialmente, em 1989, pela editora FTD, com ilustração de Saritah Barbosa, possui 93 páginas e está estruturado em dez capítulos: primeiras lembranças, solidão de vozes, afinidades: olhos de dentro, viagens, tempos escolares, metamorfose, alicerce, mulher, momento cristalino e força flutuante. Considerada uma obra de realismo crítico (Capelin, 2015), apresenta como ideia central o racismo e a capacidade de superação da protagonista.

Temos em seu enredo, de caráter autobiográfico, desde as vivências da infância de Geni Guimarães até as primeiras experiências como professora, numa história que envolve afeto ao falar da mãe, o pai e os irmãos, permeados por traços que abordam o contexto de questões raciais e gênero. No texto há um relato da decepção por identificar distorções entre a história oral que valorizava a ancestralidade do povo negro e a história contada no contexto escolar que mostra o negro como bobo, covarde e tolo. Na esteira dos acontecimentos aponta, ainda, questões religiosas, crenças e costumes quando discorre sobre benzimentos, chás e remédios caseiros.

A protagonista narra a história de sua infância ao lado da família, suas dores e imaginação, suas inquietações como mulher, negra e pobre, suas experiências dentro do contexto escolar ao conviver com crianças brancas, revive a coerção social que passa como herança de pai para filho sobre os preconceitos raciais vividos. Contando com uma escrita diferenciada, mostra a formação intelectual como instrumento para vencer as adversidades, pois mesmo diante das dificuldades enfrentadas Geni conseguiu orgulhar seu pai e sua família ao se tornar professora, fato que incute nos leitores a identificação, motivando-os ao estudo como ferramenta de mudança social através do exemplo e de uma prática transformadora.

Atentando para a organização estrutural da narrativa, verificamos que o texto é narrado em primeira pessoa, caracterizando o narrador personagem; o tema principal é a discriminação racial; o tempo é o cronológico, apresentando fatos da infância à fase adulta; o espaço físico (detalhes dos ambientes) e espaço psicológico (quando relata

acontecimentos frutos de sua mente imaginativa); a ação como vivência e preconceitos sofridos por Geni.

Nessa perspectiva, podemos dizer que a narrativa desempenha não apenas um papel estético, inerente à sua natureza como expressão artística, contribui para valorizar elementos culturais historicamente marginalizados, não apenas tornando-os visíveis para a sociedade em geral, mas, acima de tudo, promovendo seu engajamento em um dinamismo social orientado pela justiça e equidade.

Em *A cor da ternura* (1997), o peso da cor e da condição social são os elementos que norteiam toda a narrativa e que nos leva a refletir sobre os mesmos conflitos vivenciados pela população negra em nossa sociedade atual. O preconceito é bastante abordado em relação a personagem Geni, por ser esta de família pobre e ainda ter o agravante de cor, algo que pesava muito em seu convívio e que a tornava social e racialmente diferente das outras crianças. Nesse contexto, as temáticas principais que afloram da contribuição escrita por Geni Guimarães são: raça e gênero.

É o que se percebe, por exemplo, ao atentarmos para o tratamento dado pela autora à questão de gênero na narrativa, presente nos diálogos entre Geni (a protagonista) e seu pai, que, ao responder à pergunta da filha - “Pai, o que mulher pode estudar?” afirma, reforçando culturalmente a desigualdade das relações de gênero presentes em nossa sociedade: “Pode ser costureira, professora...” (Guimarães, 1997, p. 72) corroborando naturalmente para a submissão feminina: “Deixemos de sonho” (Guimarães, 1997 p. 72).

O ápice da abordagem sobre gênero, contudo, ocorre quando Geni - seja por meio dos seios que crescem, seja por meio da experiência da menarca - descobre-se mulher, em capítulo homônimo. Num trecho que sintetiza poeticamente essa revelação, encerrando a passagem da infância/adolescência para a fase adulta, Geni expõe, em palavras contundentes:

Mulher, terminando o ginásio.
 Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido.
 Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte. Mulher, rindo pra esconder o medo da sociedade, da vida, dos deslizes, dos passos.
 Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado.
 Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos.
 Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel (Guimarães, 1997, p. 81).

O trecho acima representa veementemente o papel social da mulher inserida numa sociedade erguida sob padrões patriarcais, onde a superioridade masculina é marca contundente nas relações de gênero. O peso social de ser mulher e a necessidade de

atender as demandas sociais exigidas ao gênero estão presentes na poética de Geni, que evidencia fazendo uso da literatura como forma de contar o que sente e expressar sua história, que de certa forma, assemelha-se a de outras mulheres.

A questão de gênero, em especial na obra aqui analisada, interliga-se a questão racial, vinculados estruturalmente, sobretudo por se tratar, como dissemos acima, de autora e personagem negra. Assim sendo, é nítido, que ambos os universos (o da mulher e o do negro) se interliguem de forma relativamente natural como resultado simbólico de uma sociedade historicamente machista e racista como é a brasileira.

A questão racial, em *A cor da ternura* (1997), ocupa um espaço relevante nos capítulos que trazem a trajetória de Geni, falas geradoras de preconceitos aparecem marcados em suas lembranças e a cada diálogo carregado de significados explicam as angústias vivenciadas. O preconceito racial encontra-se enraizado culturalmente, de forma internalizada, tanto que, se faz presente na fala do eu (da personagem) “- Mãe, se chover água de Deus, será que sai minha tinta?” (Guimarães, 1997, p. 10). É reforçada pela família como nos trechos “- Mas a Janete é branca- respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase” (Guimarães, 1997, p. 48) e como atenuante grave essa discriminação se faz presente na fala dos outros: “[...] boneca de pixe, cabelo de bombрил” (Guimarães, 1997, p. 45). As maiores angústias sofridas pela personagem por causa da cor ocorrem em momentos distintos, na infância, quando ela tenta tirar o negro da pele:

A ideia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele começou a tirar da panela o carvão grudado no fundo.
Assim que terminou a arrumação, ela voltou pra casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele (Guimarães, 1997, p. 69).

Socialmente, mesmo depois de tornar-se professora, Geni sofre com o preconceito enraizado, com o fato de uma menina branca negar-se a ser aluna dela: “- Eu tenho medo de professora preta- disse-me ela, simples e puramente” (Guimarães, 1997, p. 87). As falas acima retratam pensamentos próprios de Geni, falas exteriores da mãe, dos colegas, cenas que remetem ao preconceito naturalizado e sua principal característica que exista entre negros e brancos e ainda pior, entre negros e negros. É imprescindível notar a ideologia social construída historicamente decorrente de uma cultura colonialista de supervalorização europeizada que disseminou padrões onde a figura do negro seja pejorativamente marcada no imaginário brasileiro:

Escrevendo da perspectiva da 'mulher' e 'negra', nossas escritoras de origem africana examinam a individualidade e as relações pessoais como uma forma de compreensão de questões sociais complexas. Analisando dados como racismo e sexismo, institucionalizados não só na sociedade, mas também na própria família e relações íntimas, as referidas autoras focalizam dilemas que atingem a todos, independente de raça ou sexo (Salgueiro, 2003, p. 798).

Na esteira dessas discussões, a ideologia religiosa acentua gravemente as desigualdades étnicas, uma vez que dissemina a branquitude como pureza. Entende-se que a figura da simbologia religiosa alimenta no imaginário cristão uma imagem de Deus e Jesus de pele branca, algumas interpretações distorcidas da Bíblia, inclusive, foram usadas para justificar a escravidão, a segregação racial e a supremacia branca. Tal fato é ressaltado quando Geni fala da cor do irmão: “me vi descompromissada de chamá-lo de menino Jesus [...] Era negro” (Guimarães, 1997, p. 22).

Na abordagem histórica do povo negro na obra, vimos que no capítulo “Metamorfose”, ao se alegrar com a oportunidade de homenagear a Princesa Isabel, a protagonista escreve um poema, mas ao chegar à escola depara-se com algo atormentador, as distorções históricas, pois as narrativas da professora eram diferentes das contadas por Vó Rosário. “Vinham mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães...” (Guimarães, 1997, p. 67). “Por isso que meu pai tinha medo do seu Godói, o administrador, e minha mãe nos ensinava a não brigar com o Flávio.

Negro era tudo mole mesmo...Até meu pai e minha mãe... (Guimarães, 1997, p. 67).

A forma como a história é contada reforça ou contradiz as identidades e a instituição escolar representa ferramenta de suma importância na perpetuação de valores e/ou na derrocada e desconstrução do racismo estrutural. Partindo dessa perspectiva, consideramos que se faz necessária uma educação que desmistifique essa visão preconceituosa e depredatória em torno da população negra e objetivando uma educação pautada em valores igualitários.

Nessa perspectiva de desconstrução de uma imagem opressora, o livro *A cor da ternura* (1997), retrata o negro em sociedade, onde este tem que vencer os obstáculos inerentes de sua condição étnico-racial impostos por uma sociedade segregadora que diferencia preto e branco muito mais que pobre e rico, nos mostrando assim que o preconceito é mais estabelecido sobre a cor de pele. Geni era mulher negra e pobre vivendo em uma sociedade excludente, mas mostra que através de sua força de vontade foi capaz de superar todos os obstáculos que sua condição lhe impôs.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos que podemos fazer a partir da leitura de *A cor da ternura* (1997), é que a protagonista da narrativa em questão, e Geni, sua autora, juntas formam uma única e mesma identidade, elas coexistem em um mundo onde, embora a presença masculina seja dominante, é a mulher, especialmente a mulher negra, que faz uma grande diferença na luta contra os preconceitos e discriminações que permeiam as relações sociais no Brasil contemporâneo. Além de seu indiscutível valor literário, para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, a obra se torna, nesse contexto, uma referência importante na luta e resistência em questões étnico-raciais.

Outra reflexão que a análise da narrativa nos proporciona é com relação ao trabalho com a literatura negra em sala de aula. Esta se torna imprescindível para reestruturar as relações étnico-raciais no Brasil, pois a naturalização do racismo estrutural, aquele que passa quase imperceptível no cotidiano das pessoas, criando o mito de “democracia racial”, mas que ao mesmo tempo eclode em todos os campos sociais: no trabalho, na escola, na família, no esporte, entre outros, faz com que pessoas sejam discriminadas por sua cor. A narrativa de Geni, mais particularmente *A cor da ternura* (1997), possibilita repensar o tratamento dispensado ao negro em nossa sociedade e, refletir sobre a importância de trabalhar literatura negra em sala de aula, oportunizando uma leitura que desconstrói a maneira como o negro foi, e algumas vezes ainda é retratado na literatura.

Diante do que já foi discutido, é perceptível a importância de se trabalhar a literatura negra não apenas no âmbito escolar, como também no ambiente acadêmico evidenciando, a grandiosidade das obras da escritora Geni Guimarães como contribuição na literatura infantil juvenil, literatura afro-brasileira e na literatura feminina. Tomando como base uma concepção contemporânea, há que se trabalhar na perspectiva de igualdade social tendo como aporte teórico produções que valorizem a ancestralidade negra e reconstrua historicamente e intelectualmente a imagem de um povo há muito lesado em sua cor, força, valor e cultura.

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Amanda Roque. **A representação do negro na obra A Cor da ternura, de Geni de Guimarães**. Catolé do Rocha: UEPB, 2019.

ANJOS, Priscila. GENI GUIMARÃES: “Está tudo contra nós, mas nós estamos a favor”
Escritora homenageada pela Olimpíada de Língua Portuguesa, Geni Guimarães fala sobre a importância de ter se tornado professora e mostra como contar histórias é uma poderosa forma de combater preconceitos. Agência de notícias, publicado em 21 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/esta-tudo-contra-nos-mas-nos-estamos-a-favor/> Acesso em: 06 de dez. de 2023.

AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da literatura**, v. 1, cit. p. 603. Apud CARDOSO, João Batista. Teoria e prática de leitura, apreensão e produção de texto, cit. p. 38

AGUIAR, Vera T. de. **Literatura infantil e juvenil**: os passos de um projeto de pesquisa. In: MARTHA, Alice Á. P.; AGUIAR, Vera T. de (orgs.). Entre livros e Leitores: escritos vários. São Paulo: Cultura Acadêmica, ANEP, 2016, p. 11-22.

AGUIAR, Vera T. de A.; MARTHA, Alice Á. P. (Orgs.). **Literatura Infantil e Juvenil**: leituras plurais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

BRAIT, Beth. **Personagem**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2000.

CADEMARTORE, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CAPELIN, Luciani & MARQUEZI, Rosângela Aparecida. “**O reconhecimento da identidade negra em A cor da ternura**”. Anais do V Seminário Internacional Interdisciplinar em Experiências Educativas, Francisco Beltrão, Unioeste, p. 566-577, 2015.

CARDOSO, João Batista. **Teoria e prática de leitura, apreensão e produção de texto**. Brasília: Universidade de Brasília / São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Coleção consciência em debate. São Paulo: Ed. Selo Negro, 2011.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria & prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria – análise – didática. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

FRANÇA, Jean M. Carvalho. **Imagens do negro na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção tudo é história: n. 151).

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção**: o desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. Fábio Fonseca de Melo. Revista USP, São Paulo: 2002, vol. 33. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4108844/mod_resource/content/1/Friedman%20O%20ponto%20de%20vista%20na%20fic%C3%A7%C3%A3o.pdf

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1997.

GOULART, A. SILVA, Oscar V. **Introdução ao estudo da literatura**. Monas Gerais: Editora Lê, 1994.

KNOP, Rita Maria. **Antes, era uma vez, hoje, essa é a sua vez**: uma abordagem comparativa da representação social do negro na literatura para crianças. Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010 (dissertação de mestrado).

LAJOLO, Mariza ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: história e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

MASSAUD, Moisés. **A análise literária**. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Pulo: Global, 2016.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto juvenis brasileiras**: 1979- 1989. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento da UNEB, Salvador, 2003.

PELLEGRINI, Tânia. **Narrativa verbal e narrativa visual**: possíveis aproximações. *In*: _____ . Literatura, cinema e televisão. São Paulo: SENAC - SP, 2003.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Ferreira de Andrade. “**Breve Introdução à Literatura Afro- -Brasileira Feminina Contemporânea**”. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). Nenhum Brasil Existe. Pequena Enciclopédia. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003, p. 797805.

SILVA, Adriana Ferreira. **O reconhecimento tardio de Geni Guimarães**: Com uma obra que transita entre poesia, prosa e infantojuvenis, a escritora Geni Guimarães relança seu primeiro livro e se dedica à escrita de dois outros. Folha de São Paulo. Uol, 31 de mai de 2023. Disponível em: <https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/entrevistas/literaturabrasileira/o-reconhecimento-tardio-de-veni-guimaraes>.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo, Ática, 2004.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, primeiramente, por ter me proporcionado a realização desta pesquisa. Por ser o centro de tudo em minha vida, por acalmar meu coração ansioso e preenche-lo com sentimentos de força e coragem, ajudando-me a concluir mais uma etapa da minha trajetória acadêmica.

A minha amada mãe, **Maria Ana Vieira de Oliveira**, por ser a minha força e inspiração diária, o meu alicerce. Que mesmo com poucos anos de escolarização, sempre entendeu a importância da educação e lutou incansavelmente para me proporcionar a oportunidade de seguir esse caminho. Obrigada por todo apoio e esforço para tornar esse sonho possível.

Ao meu esposo, **Walleon Ney de Oliveira Santos**, por todo apoio e companheirismo durante os anos de faculdade, por ser o meu maior incentivador e não me deixar desistir.

Ao meu irmão, **Vinícius Vieira de Oliveira**, por sempre me ajudar e me dar forças para concluir.

À minha orientadora, professora Dra. **Vaneide Lima Silva**, por todo empenho, colaboração e paciência na orientação deste trabalho.

Às minhas amigas e colegas, **Maria Lauane de Oliveira e Kauana Ricelle de Lima Silva**, por toda amizade, ajuda, força e companheirismo durante toda a trajetória acadêmica.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os docentes do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, *campus IV*, por terem sido peças fundamentais no meu desenvolvimento intelectual, me proporcionando os conhecimentos e vivências essenciais para a minha formação docente.